

O Acontecimento Sorte ou Revés na cidade: Dobras e Desdobras¹

Priscila Rodrigues BITTENCOURT²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo é um desdobramento da dissertação sobre o fazer artístico na cidade e com a cidade intitulada "O acontecimento Sorte ou Revés, na rua Joaquim Silva, Lapa: fabulações, imaginários e experiência artística na cidade". Com uma reflexão sobre o processo de criação chamado Fabulações do Território, que gerou o acontecimento *Sorte ou Revés*, no qual participantes, fabularam de forma coletiva as memórias e histórias, da rua no bairro da Lapa, na região central da cidade. A partir dos arquivos e da experiência do copo, a escrita ensaística questões sensíveis a prática artística e cultural na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; cidade; levante; teatro; Lapa

Este trabalho é fruto da dissertação sobre o fazer artístico na cidade e com a cidade intitulada "O acontecimento Sorte ou Revés, na rua Joaquim Silva, Lapa: fabulações, imaginários e experiência artística na cidade". Direciono esta escrita sobre o processo de criação chamado Fabulações do Território, criado pela Associação Cultural Peneira, no Rio de Janeiro e que gerou o acontecimento *Sorte ou Revés*, no qual participantes, fabularam de forma coletiva as memórias e histórias, da rua no bairro da Lapa, na região central da cidade.

O processo artístico estudado ocorreu entre novembro de 2018 a fevereiro de 2019, período em que tivemos uma tomada conservadora na política brasileira marcada por intensa perseguição aos setores culturais. Portanto, realizar cultura nas ruas, neste período, significava se opor a uma série de limitações impostas e controle pelo medo e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em comunicação da UERJ, e-mail: pri.rbittencourt@gmail.com.

violência simbólica a setores mais progressistas. A emblemática capa do Jornal do Brasil de dezembro de 1968, noticiando o AI 5, é referência para a fictícia rádio referir-se à crise política, climática e humanitária que era desenhada nas eleições de 2018.

A atenção foi voltada para os arquivos da experiência, os corpos e gestos dos participantes envolvidos com o processo criativo, observando-os como gestos de insubmissão. Trata-se da perspectiva que conta com as memórias de quem participou da formulação do processo artístico, deste modo, um dos corpos em ato que carrega uma série de vestígios da experiência vivida. Consideramos *Sorte ou Revés e Fabulações do Território*, como processo experimental, como um *acontecimento* (DELEUZE, 1974) na territorialidade da rua Joaquim Silva. A Peneira e os participantes do processo artístico se referem à *Sorte ou Revés* como uma peça de teatro ou espetáculo³, e ao *Fabulações do Território*, como um método de trabalho que resulta em uma obra artística. No entanto, a fluidez e o devir presentes no corpus desta pesquisa, trouxeram a leitura de *Sorte ou Revés* como um *acontecimento* de acordo com as noções de Gilles Deleuze. Com uso de uma escrita especulativa, a fim de perceber como os corpos dos participantes da peça de teatro revelam em si gestos de levantes (DIDI-HUBERMAN, 2017) e geram outros imaginários sobre a cidade do Rio de Janeiro. O espetáculo que tem como temática a união entre vizinhos para realizar um bingo na rua quando são surpreendidos pela chegada de três visitas inesperadas: um pesquisador em busca de informações de uma antiga moradora da rua, Carmen Miranda; o prefeito da cidade que vai anunciar obras que irão transformar a Escadaria Selarón; e a chegada de um ciclone extratropical. Um dos pontos centrais da dissertação é que após a participação no *acontecimento*, há um deslocamento de perspectivas dos participantes, através do encontro com o outro e do fazer junto na rua. Cantar a primeira pedra, é uma alusão ao início do jogo cênico, uma brecha para perceber o processo artístico. Os bastidores, os caminhos, redes de relações e conexões que são tecidas pelo fazer artístico cultural na rua.

Com uma visão crítica, revisita-se o título "Fabulações do Território", o período de elaboração do que seria o *Fabulações do Território*, enquanto participante do grupo, fiz a sugestão do nome que posteriormente foi votada entre o coletivo que seguiu

³ Em alguns momentos faço uso destes termos para contextualizar histórias e comunicações que envolvem a experiência no momento de sua experimentação.

adiante com uso do nome. Ao propor o termo fabulação, não fiz uma ligação direta à uma noção específica, mas sim ao seu sentido ligado à possibilidade de invenção e ficção de si mesmo a partir das realidades de cada território. Ao retomar aos escritos de Marco Antônio Gonçalves, por quem fui orientada na iniciação científica em Ciências Sociais, recupero a sua influência na escolha pelo termo:

O que se observa, entretanto, é que ao problematizar a equivalência entre visão (entenda-se, aqui, imagem) e escrita surgem novas possibilidades de se construir um texto etnográfico que leva em conta não mais a visão/imagem versus a escrita mas, sobretudo, a ideia de imaginação enquanto categoria poderosa para articular um novo modo de representar/apresentar esta relação com outro, em que a imagem e a escrita, em vez de criarem um possível realismo, abrem caminhos para a fabulação, para a ficção como formas de aceder a um conhecimento. Esta capacidade imaginativa possibilita, também, outras formas tanto para o antropólogo quanto para o nativo de imaginarem sobre si e sobre o outro, redefinindo, assim, a própria concepção de representação (GONÇALVES, 2009, p.17)

Com termos tão cheios de significados e em disputa, é importante ter um olhar atento para este nome que, como um balaio, traz em si um conjunto de experiências que serão abordadas no decorrer desta escrita. O sentido de fabulação, apesar de ter sido inspirado nos estudos de antropologia e imagem, na prática da Peneira, acumulou outras camadas, sobretudo a partir da perspectiva por um desejo de fantasiar, de ir em caminho ao fantástico, mesmo quando trata-se de questões como direito à cidade e as memórias de personagens do cotidiano das urbes. Durante o processo de pesquisa que envolveu a dissertação, encontrei na noção de *dispositivo fabulador*, abordada por Fernando Gonçalves (2012), a partir da ideia de *função fabuladora* de Deleuze e Guattari (1992), a leitura de que os personagens da Joaquim Silva ao narrarem sobre si mesmos, a rua e o bairro, eles tornam-se grandiosos, o pequeno cotidiano cresce, adquirindo outras dimensões para quem, de alguma forma, têm contato com o processo artístico. Deste modo, os personagens ganham potência e poder ampliando as possibilidades de comunicação com outro. Ao refletir sobre o filme *As Canções* de Eduardo Coutinho, Fernando Gonçalves descreve que as fabulações dos personagens dirigidos pelo cineasta, são sobre o passado, mas existem para além dele, capazes de invocar "blocos de sensações" (*Ibidem*), operação que também percebo em *Sorte ou Revés*.

A palavra território, ligada a um senso comum, sobretudo na ocasião de formulação do projeto coletivo, tinha uma intenção de firmar uma ideia de

pertencimento à uma comunidade, elos do comum ligados a um lugar e situar esses possíveis personagens na metrópole. No entanto com uma percepção crítica do termo, a partir da leitura de Milton Santos, percebo que o termo escapole ao processo criativo do grupo, que por sua vez está muito ligado ao campo das relações, da construção cotidiana do comum e pelos sentidos adquiridos no uso do espaço, portanto algo que extrapola a racionalidade abordada pelo autor (SANTOS, 2006). Compreendo que melhor dialoga com o processo artístico, a noção de *territorialidade*, trabalhada por Cíntia Sanmartin Fernandes ao pesquisar as culturas de rua no Rio de Janeiro, ao considerar a cidade e seu cotidiano como dinâmicos, vivos, a partir da relação, portanto em um processo de construção e reconstrução que extrapola a fixidez da fronteira do território formulado pela racionalização do espaço (FERNANDES, 2012). Fernandes, compreende essas *territorialidades* a partir da noção de *lugar* abordada por Santos, ligado justamente à prática das relações.

Aproximo o teatro do invisível de Augusto Boal e a proposta de transformar a cidade em espaço lúdico a ser praticado, pelo Situacionistas no séc XX, descrito por Francesco Careri, do *acontecimento*. A participação e a prática na cidade são princípios chaves do processo criativo de *Sorte ou Revés* que me permitem fazer conexões entre as propostas dos Situacionistas no século XX na Europa, no sentido de procurar no cotidiano da cidade os desejos das pessoas, propondo a construção de jogos a fim de transformar o tempo-útil em tempo lúdico-constutivo (CARERI, 2016) e a prática teatral de Augusto Boal, com o "Teatro do Invisível", que manifestava o interesse nos espetáculos do cotidiano das *Sociedades Espetaculares*, que segundo o autor, se diferenciam das *Sociedades do Espetáculo*, referindo-se às ideias de Guy Debord. Para Boal, "a palavra *espetacular* não deve ser entendida no sentido usual de grande, enorme, imenso etc. Espetáculos modestos, pequenos, invisíveis, também existem: a todos eles, grandes e pequenos..." (BOAL, 2009, p.142). Boal se refere às sociedades espetaculares como aquelas em que acontecem os espetáculos do cotidiano nas quais não há atores e plateia, pois os próprios espectadores são atores, ou seja, não há a ideia de um receptor que está sob opressão e sem a consciência desta. O pensador brasileiro defende que o "teatro deveria ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo" (BOAL, 2008, p. 19), assim como o jogo lúdico, e a "construção de situações (dos Situacionistas) era o modo mais direto de realizar na cidade novos comportamentos e de

experimentalizar na realidade urbana os momentos do que teria podido ser a vida numa sociedade mais livre (CARERI, 2016, p. 98)". Fernando Peixoto ao tratar da proposta teatral de Boal, narra uma intervenção em um supermercado de Liège em 1978:

No campo da especulação teórica, o mais intrigante é a incrível teia de relacionamentos, às vezes irreconhecíveis, que o espetáculo do "invisível" estabelece entre o nível da ficção e o da realidade. Enfim, o que começa como teatro, portanto como ficção, a partir de determinado momento, por não de denunciar como tal, por não ter espectadores, por de instaurar não num espaço cênico, mas num espaço que pertence ao universo do cotidiano real, passa a de constituir como realidade (PEIXOTO, 1985, p.116)

Vale ressaltar que a prática cultural da Peneira não é uma aplicação direta da proposta metodológica de Augusto Boal, no que tange o "teatro do invisível", mas que se nutre de suas influências como explicitado no Livro *Fabulações do Território - Joaquim Silva*, "o método Fabulações do Território, que conecta essas linguagens (teatro, música, cinema, literatura) com referências etnográficas, do Cinema Verdade, Teatro do Oprimido, Teatro de Vizinhos e Teatro Documentário, onde moradores e artistas fccionam a partir das memórias e do cotidiano de determinada comunidade". (BITTENCOURT; PINTO, 2020, p.8). *Sorte ou Revés*, foi anunciado pelo grupo como um espetáculo teatral, mas a vivência do jogo de bingo na rua e o modo como o processo de construção ocorreu, à todo momento propõe a conexão entre ficção e realidade, borrando as fronteiras entre essas noções, que como pesquisadora e realizadora da experiência, vejo como amalgamadas à experiência da cidade e que extrapolam o campo do teatro. A teia de relacionamentos a que Fernando Peixoto se refere, abre caminhos para outros desdobramentos estruturados na relação, como esta dissertação que estabelece conexões entre a cidade, o lúdico e o fazer científico em um tempo que a promessa da modernidade revela suas crises e fracassos, cujas "pedras fundamentais da arquitetônica ocidental ou Moderna - Indivíduo, Razão, Economia, Progresso - estão saturadas" (MAFFESOLI, 2010 p.14).

O espetacular do cotidiano abrem caminhos para outras relações na cidade estabelecendo a performance como abordada Diana Taylor (2013), como chave para uma aproximação desse acontecimento em um bairro com tantos atravessamentos e também como possibilidade de estabelecer pontes entre as práticas orais e literárias

assim como colocar em questão a compartimentalização dos campos das artes, divididos em disciplinas como se encerrasse em si mesmas. Taylor argumenta que:

[...] por causa de seu caráter interdisciplinar, os estudos da performance podem colocar disciplinas que haviam sido anteriormente mantidas separadas em contato direto umas com as outras e com seu contexto histórico, intelectual e sociopolítico. (TAYLOR, 2013 p.59)

Seguindo as pistas dos sujeitos de pesquisa, e o que o material revela, tangente às noções binaristas de “erudito” e “popular”, “arte” e “cultura”, “palavra escrita” e “palavra falada”, “teoria” e “prática”, esta investigação busca um diálogo com as noções de arquivo e de repertório abordadas por Taylor, entendendo as corporalidades e fragmentos da vida vivida como capazes de contar outras histórias para além do oficial, ressoada por meio de documentos. Ao voltar-me para os escritos e vídeos os compreendo em diálogo com o que foi vivido e experimentado, do ponto de vista de quem esteve presente no processo e das trocas vivenciadas. Deste modo, jogar o bingo na rua Joaquim Silva, por exemplo, torna-se uma maneira de conhecer e transmitir conhecimento sobre estar na Lapa. Quem jogou o bingo na cena, transmitiu e percebeu formas de estar em uma disputada rua na região central do Rio de Janeiro. Tão importante quanto saber o nome das ruas que cruzam a Joaquim Silva, através das placas disponibilizadas nas esquinas, é saber a importância do prêmio do bingo realizado por Dona Marlene⁴, para aquela comunidade e como o lazer aproxima transeuntes e moradores em momentos que estar na rua pode ser sinônimo de perigo e medo.

Percebo o acontecimento na rua como uma chave capaz de abrir portas para a compreensão de modos de vida na cidade, tendo a possibilidade de criar outras imagens e imaginários sobre a Lapa, sobretudo a rua Joaquim Silva. Esta chave por sua vez, é manuseada por aqueles que vivenciaram *Sorte ou Revés*, e que ao escolher os caminhos percorridos nesta escrita, experimento criar outras aberturas para leitor se relacionar com a Joaquim Silva e seus personagens, portanto outras configurações, para além do

4 Marlene Nazareth de Almeida nasceu no dia 27 de julho de 1947, na cidade de São Luiz, no Maranhão. Ainda jovem mudou-se para o Rio de Janeiro trabalhando na porta do Circo Voador desde sua inauguração. Foi uma importante persona da Rua Joaquim Silva, realizava o tradicional bingo da rua que inspirou o *Sorte ou Revés*. Em maio de 2021, Marlene morreu em decorrência da COVID-19. Informações disponíveis nas páginas Peneira.

processo vivido entre os anos de 2018 e 2019. Os vestígios do *Fabulações do Território*, por si só, não são suficientes para compreender as camadas deste processo e ao cruzar diferentes conhecimentos como quem atravessa novamente a rua que virou palco, perpasso as bordas entre a Rua Joaquim Silva, institucionalizada do turismo e boêmia, e a Joaquim Silva de ilustres desconhecidos que jogaram com a rua, fizeram dela arte e lugar de encontro. Assim, o material textual e audiovisual construído no processo do projeto é convocado para iniciar um outro jogo, aquele convocado pela rua fabulada e o do dia a dia na cidade que privilegia os discursos já estabelecidos.

Uma análise imagética considerando a proposta filosófica de Merleau-Ponty sobre o *Quiasma*, aquilo que está na nossa tecitura social e conecta a experiência de nossos corpos, como reveladora da necessidade de criar espaços para que o outro entre no jogo lúdico da cidade de ocupar outros espaços de representação que não o da invisibilidade ou da violência (BITTENCOURT; FERNANDES 2022). As teias de relacionamentos que Fernando Peixoto se refere ao teatro do invisível de Boal, em Sorte ou Revés dialogam também com o *Pensamento Tentacular* de Donna Haraway (2019), em um contexto que as crises de um sistema que está em colapso, a articulação entre saberes é um meio de poder seguir adiante mesmo com os problemas. Assim, os artistas-fabuladores sem aceitar a ameaça de água até o pescoço, por conta do ciclone, recorrem a diferentes licenças para ocupar a rua com o lazer, arte e cultura. O pensamento e as soluções coletivas, neste caso, podem ser lidos pela ótica do pensamento tentacular de Donna Haraway, no qual os diferentes agentes colaboram para o ecossistema em questão, que no caso deste acontecimento, é o grande bingo da Rua Joaquim Silva. Haraway ao escrever sobre o jogo "Never Alone", elaborado de forma colaborativa com os Inupiat, um povo tradicional do Alasca, nos fala das características de cooperação que, no jogo, no qual a personagem Nuna e seu companheiro seguem em ajuda mútua para lidarem com os problemas de uma nevasca que não cessa, a fim de descobrir sua causa, salvar as pessoas e a terra, Haraway reconhece que não se trata de uma solução mágica, mas sim de práticas de configuração de mundos (HARAWAY, 2019). A prática ritual de pedir licença às divindades da rua e aos órgãos que regulamentam o uso do espaço público foi um processo relevante para o acontecimento na rua. Abordamos as coexistência, ainda em diálogo com o trabalho de Haraway compreendo a Lapa, a Joaquim Silva, o *Fabulações do Território* e seus personagens

como um ecossistema, em que cada um com suas habilidades e papéis constroem um equilíbrio pela rede de relações e colaborações que tornaram possível o acontecimento. Esses processos de articulação de conhecimentos e estratégias para poder estar na rua, são exemplos de uma construção constante para que o bingo acontecesse. Como equilibristas, coletores e curiosos por mundos, a fim de fabular outros mundos, ou melhor, imaginar uma Joaquim Silva que poderia ser vivida pelo jogo, especulou-se e houve negociação a todo momento com diferentes saberes, sejam sobre os nossos direitos e a política ou o conhecimento ancestral, assim como a proposta epistemológica de Haraway, justamente para seguir adiante em um gesto de insubmissão aos governos que fizeram de tudo para extinguir e punir a cultura de diferentes formas

Com um olhar antropológico, percebo os *artistas-fabuladores* como um clã, como aqueles que fabulando por uma primeira vez juntos, com os rituais de comer e beber juntos (BITTENCOURT, 2021), compartilhando memórias e histórias que vivenciaram naquela territorialidade, formaram uma pequena tribo urbana de acordo com as noções de Michel Maffesoli (1987). As múltiplas imagens que foram compartilhadas a partir da experiência contam outras histórias sobre a Lapa para além das já conhecidas e divulgadas pela imprensa tradicional. Imagens que foram elaboradas ao caminharem à toa pela rua e ao serem compartilhadas e revisitadas colaboram para criação de outros imaginários sobre a Lapa, sobre a cidade. Como diz o ditado popular, quem conta um conto, aumenta um ponto, e ao colocarem seus múltiplos pontos, tornam-se co-criadores dessas histórias e imaginários sobre a Lapa.

Entre as imagens sobre a Lapa, destaco as da Escadaria Selarón que ao longo dos dias recebe milhares de turistas que como em um ballet colocam seus corpos em uma coreografia própria daquele lugar ao longo do dia. Na base da escadaria há uma fila central, nas margens, aqueles que querem circular, ao centro entre os escritos da escadaria, a pose para foto. No entorno, a venda de *souvenirs* e o trânsito turístico. Na escadaria Selaron diurna é preciso saber onde se posicionar de acordo com a dinâmica estabelecida pelos visitantes. A escadaria noturna, experienciada ao longo do *acontecimento*, subverte o *ballet* descrito, os artistas-fabuladores e demais participantes ocupam a base da escadaria com seus corpos em grupo ao centro, posando para uma grande *self*. Diante do anúncio de modernidade do prefeito delirante, seus corpos simulam máquinas, simulando uma escada rolante que se esgota e pifa. Nas dinâmicas

sociais da escadaria diurna, não há brecha para corpos que fogem da coreografia do consumo do espaço. O prefeito de Sorte ou Revés, opera como o coringa abordado por Augusto Boal (2008), é aquele que, em meio a coreografia abstrata, mantém a atenção e identificação dos participantes que vivenciam o acontecimento sem conhecer o roteiro prévio. As emoções e a empatia têm um papel fundamental neste acontecimento e a raiva pelo prefeito, o sentimento de vingança ao estar vivendo aquele gesto coletivo são abordados. Descrevo que "o afetivo da emoção é a abertura efetiva-uma abertura: o contrário de um impasse, portanto, um tipo de conhecimento sensível e de transformação ativa do nosso mundo" de acordo Didi-Huberman (2016) que também remete à Merleau-Ponty. Nos múltiplos gestos, em que a política pelo afeto é experienciada, encontramos fragmentos que vão de encontro aos que são descritos como gestos de levantes no livro de mesmo nome organizado por Didi-Huberman (2017). Posteriormente, o protagonismo desses corpos que performam um espaço de decisão política na cena da assembléia, entre os causos do cotidiano e questões da rua, experimentam com seus modos de pensar e de proceder, a transmissão táticas daquele contexto social, de acordo com Certeau (1994), como repertórios de sistemas de ação. Em diálogo com Judith Butler, experienciando um espaço de liberdade a partir da relação entre os sujeitos da cena fazendo daquele espaço um espaço de aparecimento (2018). Ainda no ecossistema da rua, perpassamos alguns festejos que aconteceram concomitantemente à passagem do acontecimento pela rua. Ao descrever esses atravessamentos e as negociações com o ecossistema da rua, falamos de ressignificações do espaço urbano feitas pelas brechas, pelos praticantes comuns da cidade. *Sorte ou Revés*, pode ser lido também como uma metáfora dos modos de fazer para aqueles que realizam cultura nas ruas. Este processo de pesquisa abriu caminhos para outros questionamentos e agora no âmbito do doutorado, a pesquisa tendo a performance como paradigma epistemológico segue acompanhando mulheres que atuam no campo da cultura na região central do Rio de Janeiro, com a hipótese de que ao performarem nas ruas da cidade, elaboram outros modos de ser e estar na cidade criando e atualizando imaginários ser mulher.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Alexandro; VIEIRA, Ana. **As visões historiográficas sobre pão e circo: a plebes no contexto político-social da Roma imperial, séculos I-I, I d.C**, Revista Mundo Antigo, Ano IV, v. 4, n. 07, junho de 2015.

BARROSO, Flávia Magalhães. **O que falam as festas: éticas e estéticas das coabitações noturnas no Centro do Rio de Janeiro**. Tese (Comunicação Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. In: PIRES, Paulo Roberto (org.). **Doze ensaios sobre o ensaio**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2018.

BERTHOLD, Margot. **A história mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BITTENCOURT, Priscila. **A Rua Joaquim Silva Em Cena**. in Anais INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

BITTENCOURT, Priscila; FERNANDES, Cíntia S. **Uma investigação sobre gestos: fragmentos de levantes no espetáculo de rua Sorte ou Revés**. in Anais INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB –2022

BITTENCOURT, Priscila; PINTO, Luiz Fernando (Orgs.). **Fabulações do Território: Rua Joaquim Silva**. 1. ed. Rio de Janeiro: Peneira, 2020.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (org.). **Levantes**. São Paulo, Sesc-SP, 2017. p. 23-36

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2018. Livro Digital.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Ed. G.Gili, 2013.

CARVALHO, Maria; FERREIRA, Francisco; PRADO, Shirley; FREITAS, Ricardo. **Corpo e consumo nas cidades coleção: sabor metrópole**. Rio de Janeiro: Ed. CRV, 2014. E-book.

CASTRO, Ruy. **Carmen, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, Hugo (Coord.). **Arte e Comunidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

CRUZ, Hugo. **Práticas artísticas comunitárias e participação cívica e política: experiências de grupos teatrais em Portugal e no Brasil**. Tese (Ciências da Educação). Universidade do Porto, Portugal, 2020.

DAMATA, Gasparino (org.). **Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

-
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- DIDI-HUBERMAN, George. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Introdução**. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (org.). Levantes. São Paulo, Sesc-SP, 2017a. p. 13-22.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência do Vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004
- FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **Sociabilidade, Comunicação e Política**: a Rede MIAC como provocadora de potencialidades estético-comunicativas na cidade de Salvador. Tese (Sociologia e Ciência Política). Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- FERNANDES, Cíntia Sanmartin., MAIA, João., HERSCHMANN, Michael. **Comunicações e Territorialidades**: Rio de Janeiro em cena. São Paulo: Anadarco editora, 2012.
- FREITAS, Ricardo (org.). **Corpo e Consumo nas Cidades Coleção**: Sabor Metrópole. Rio de Janeiro: Ed. CRV, 2014. E-book
- GARRAFFONI, Renata Senna. **Panem et Circenses**: Máxima Antiga e a Construção de Conceitos Modernos. In: PHOENIX/UFRJ/LHIA. Ano XI. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2005. p. 246-267.
- GONÇALVES, Fernando. **As canções**: fabulação e ética da invenção em Eduardo Coutinho. Significação, revista de cultura audiovisual. v. 39 n. 38 (2012). Arquivo digital.
- GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott. **Devires imagéticos**: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009
- HARAWAY, Donna J. **Seguir con el problema**. Bilbao: Edición Consonni, 2019.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Intercom, 2014.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. Relevância da cultura de rua no Rio de Janeiro em um contexto de valorização dos megaeventos. **Interin**, Curitiba, v. 21, n.1, p. 03-21, jan./jun. 2016.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. Resiliência e Polinização da música negra nos espaços urbanos do Rio de Janeiro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 46, 2021.
- JAQUES, Paola. **Corpografias urbanas**: a memória da cidade no corpo In: VELLOSO, Monica P., ROUCHOU, Joëlle, OLIVEIRA, Cláudia. **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- JAQUES, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEPECKI, André. **Coreopolítica e Coreopolícia**. Ilha vol.13 n.1

-
- LOPES, Silvína. **Literatura, defesa do atrito**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2012
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAFFESOLI, Michel. **Conhecimento comum**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, agosto 2001.
- MARTINS, Luís. **Noturno da Lapa**. 2 ed. São Paulo: Vertente, 1979.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2013. E-book.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FAZZIONI, Natália. **A vista da rua: Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. 2012 Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- NEGRI, Antonio. **O acontecimento "Levante"**. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (org.). **Levantes**. São Paulo: Sesc-SP, 2017. p. 38-46.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PEIXOTO, FERNANDO. **Teatro em movimento**. São Paulo, HUCITEC: Secretaria de Estado de Cultura, 1985.
- PINTO, Tatiane Mendes. **Abacadabra: o cinema na rua entre Bordas e Brechas na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (Comunicação Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- PINTO, Luiz Fernando Pereira. **Sarau do escritório: um laboratório de experimentações culturais**. Dissertação de Mestrado (Literatura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2022
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2014.
- ROCCA, Fabio La. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SAYÃO, Thiago. **Fotografia de paisagem no cartão-postal: atualização da imagem de Florianópolis na primeira metade do século vinte**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH), São Paulo, julho de 2011.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2019.
- TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WEINRICHTER, Antonio. **La forma que piensa:** tentativas en torno al cine-ensayo.
Pamplona, Festival Internacional de Cine Documental de Navarra, 2007.